



A nova *práxis* do telejornalismo na cobertura da pandemia da Covid-19

José Julian Gomes de Souza¹ e Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira¹

¹ Universidade Federal do Cariri

Resumo

Neste artigo, propõe-se a investigação da saúde e do trabalho do jornalista atuante na cobertura da pandemia da Covid-19, no primeiro semestre de 2020, na Região Metropolitana do Cariri, Sul do Ceará. Parte-se de uma proposta de metodologia quanti-qualitativa, exploratória e descritiva da nova *práxis* jornalística a partir de protocolos de prevenção ao novo coronavírus. O objetivo geral é compreender como as atividades jornalísticas estão sendo realizadas, frente a crise de saúde ocasionada pela pandemia e a preocupação com a saúde dos jornalistas, na região do Cariri cearense. Procurou-se observar como as empresas de comunicação estão lidando com esses protocolos, principalmente com a saúde de seus colaboradores, e com os impactos da crise sanitária no fazer jornalístico relacionados aos procedimentos de coleta de informações e produção de reportagens. A pesquisa concluiu que, dos 23 respondentes ao questionário online, a maioria continua atuante no ambiente de trabalho físico e uma minoria desenvolve o trabalho via sistema *home office*.

Palavras-chave: *Práxis* profissionais; Saúde do jornalista; Pandemia; Crise sanitária; Cobertura jornalística.

Abstract

In this article, it proposed to investigate the health and work of the journalist working to cover the Covid-19 pandemic, in the first half of 2020, in the Metropolitan Region of Cariri, Southern Ceará. It based on a proposal for a quantitative-qualitative, exploratory and descriptive methodology of the new journalistic praxis based on prevention protocols for the new coronavirus. The general objective is to understand how journalistic activities are being carried out, in the face of the health crisis caused by the pandemic and the concern with the health of journalists, in the Cariri region of Ceará. We tried to observe how the communication companies are dealing with these protocols, mainly with the health of their collaborators, and with the impacts of the sanitary crisis in the journalistic work related to the procedures of collecting information and producing reports. The survey concluded that, of the 23 respondents to the online questionnaire, most remain active in the physical work environment and a minority develops work via the *home office* system.

Key words: Professional praxis; Journalists health; Pandemic; Health Crisis; Journalistic Coverage.

Introdução

Esta pesquisa parte de duas importantes questões, as quais norteariam nossas inquietações recentes diante das alterações na rotina do trabalho da imprensa e na saúde dos jornalistas, durante a cobertura da pandemia da Covid-19: como estão às atuais condições de trabalho do jornalista, durante a pandemia da Covid-19? Quais são os impactos no fazer jornalístico da cobertura diária da pandemia? Primeiramente contextualiza-se o problema de pesquisa, cul-

minando na pergunta-problema. Em seguida, explicitam-se as principais escolhas teóricas, os métodos de pesquisa e a análise de orientações realizadas por organismos nacionais e internacionais de imprensa e saúde: Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ), Federação Internacional de Jornalismo (FIJ) e Organização Mundial de Saúde (OMS).

Como problema de pesquisa, elencamos o seguinte questionamento: como as organizações jornalísticas da região do Cariri cearense têm demonstrado a preocupação

com a saúde dos jornalistas colaboradores durante a cobertura jornalística da pandemia da Covid-19? O objetivo geral é compreender como as atividades jornalísticas estão sendo realizadas, frente a crise de saúde ocasionada pela pandemia e a preocupação com a saúde dos jornalistas, na região do Cariri cearense.

A partir disso, apresentamos a seguinte hipótese: na proporção em que se investem em medidas preventivas como o trabalho remoto (*home office*), é realizada a distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) aos profissionais na linha de frente das reportagens (profissionais de TV, especificamente). Dessa forma, criam-se protocolos de proteção nas atividades externas de produção de reportagem que alteram a rotina de convívio dos jornalistas na redação com o uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual. Conforme afirmam Fígaro et al. (2020, p. 19):

O contexto de pandemia da Covid-19 certamente acelerou a transição que alguns setores já ensaiavam de transmutar o local de trabalho para a residência do trabalhador. A situação de emergência em prol da saúde coletiva passou a justificar, desse modo, a forma improvisada que muitos tivemos de assumir do trabalho em casa. O imprevisto é de toda ordem: equipamentos inadequados, falta de softwares, falta de apoio técnico, falta de uma rotina organizada que se precisa inventar, inadequação de móveis e local não ergonômicos, lugar/espço/ambiente inadequado, porque sobreposto à ambiência que pertence ao espaço privado da casa, do lar. O isolamento social também retira do trabalho algo fundamental que é a coletividade.

Esses procedimentos fazem os jornalistas estarem fisicamente longe da redação, como parte das orientações de prevenção e distanciamento social dos órgãos de imprensa e saúde. De acordo com Fígaro et al. (2020, p. 3), “[...] o afastamento social e o *home office* foram indicados como ações necessárias para diminuir o impacto da infecção pelo novo coronavírus”. Os autores alertam ainda, que nem todos os profissionais da comunicação podem manter o distanciamento social. No exercício profissional, o serviço público da informação exige, muitas vezes, a apuração do fato *in loco*. Também se cobra a pesquisa para a produção da informação qualificada sobre o produto e a verificação dos dados para traçar políticas de comunicação para as instituições (FÍGARO et al., 2020). Na divulgação científica, no setor de saúde, seja nos órgãos públicos ou privados, hospitais, ministério, secretarias ou no apoio institucional, os

profissionais da comunicação estão atentos, atuantes, presentes. O Brasil tem aproximadamente 145 mil jornalistas profissionais registrados, e, cerca de um terço possui mais de um vínculo empregatício (MICK; LIMA, 2013). Outros dados importantes do estudo realizado pelos pesquisadores é o perfil do jornalista brasileiro, o qual compreende, entre outros elementos, as seguintes características: idade (59% na faixa de 18 a 30 anos); mulheres (63,7%), homens (36,3%); prioritariamente se reconhecem como brancos (72,2%); 9 entre 10 jornalistas são profissionais formados em instituições de ensino superior; e 25,2% desses profissionais são filiados a sindicatos da categoria. Acerca da Covid-19, o Ministério da Saúde do Brasil (2020) explica que é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a OMS (2020), a maioria dos pacientes com Covid-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e, desses casos, aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório). Os sintomas da Covid-19 podem variar de um simples resfriado até uma pneumonia severa, sendo os sintomas mais comuns: tosse, febre, coriza, dor de garganta e dificuldades para respirar. A transmissão ocorre de uma pessoa doente para outra, por contato próximo por meio de toque, aperto de mão, gotículas de saliva, espirro, tosse e catarro; ou ainda por objetos ou superfícies contaminadas, como celulares, mesas, maçanetas, brinquedos, teclados de computador etc. De tal modo, buscamos investigar como as rotinas do jornalísticas de televisão estão sendo alteradas mediante a visualização de protocolos nas empresas jornalísticas e a preocupação acerca da saúde desses jornalistas na região do Cariri cearense. A relevância do estudo parte da preocupação entre o ato de informação e a realização de uma cobertura jornalística de TV intensa, como vem ocorrendo, ao mesmo tempo que almejamos identificar como esses profissionais estão trabalhando durante a pandemia e sendo protegidos pelas organizações.

A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de jornalistas atuantes em Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha – cidades-polo da Região Metropolitana do Cariri³ cearense –, entre os meses de maio e junho de 2020. Essas três cida-

³O conjunto urbano da Região Metropolitana do Cariri (RMC) está situado a uma distância média de 600 km das duas metrópoles regionais nordestinas mais próximas, Fortaleza e Recife. As três cidades principais (Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha) mantêm vínculos estreitos tanto em termos de proximidade territorial quanto relacional, sobretudo pela relação de complementaridade socioeconômica no Cariri cearense. Essa região metropolitana é, atualmente, composta por nove municípios: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. A RM do Cariri possui uma área total de 5.456,01 Km² (IBGE, 2010).

des são consideradas sendo cidades médias, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2017, somando juntas um total de 601.817 habitantes. No estudo Rede Urbana do Brasil⁴, as cidades médias estão presentes nas categorias de Centros Regionais, Centros Sub-regionais 1 e Centros Sub-regionais 2.

O que diferencia essas categorias urbanas são: a centralidade (área de influência – abrangência regional do fluxo de bens e serviços que têm origem no centro urbano); as relações internacionais (presença de grandes empresas e corporações, redes complexas de serviços modernos que fortalecem o papel de centros decisórios); a escala da urbanização (dimensão do processo de urbanização em relação ao conjunto da rede urbana brasileira); a complexidade e diversidade da economia urbana (existência de setores econômicos diferenciados e nível de articulação setorial); e a diversificação do setor terciário e funcionalidade (diversificação das atividades de serviços e funções urbanas específicas).

O município de Juazeiro do Norte, que concentra grande parte dos veículos de comunicação da região, possuía 79% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2012 voltado ao setor de serviços, seguido de indústria (17%) e agropecuária (4%). Em relação à urbanização, a taxa de urbanização é de 70%, segundo relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, Juazeiro do Norte). O Ceará apresenta um dos maiores índices de contaminação do país pela Covid-19. O sul do estado possui uma curva em ascensão nos casos de contaminação pela doença registrados no primeiro semestre de 2020, segundo a Secretaria Estadual de Saúde do Ceará⁵. Enquanto Fortaleza, capital do estado do Ceará, apresenta uma queda nos índices de contaminação, a região do Cariri (sul do Ceará) tem apresentado índices de contaminação cada vez maiores e preocupantes em relação ao número de doentes, isolamento social e de óbitos.

As cidades foram também escolhidas pela proximidade acadêmica e profissional dos pesquisadores. Essa escolha não foi feita visando necessariamente uma comparação, mas mostrar que é possível a existência de várias realidades no país, no que se refere à saúde do jornalista na cobertura da pandemia.

As transformações no jornalismo e a crise sanitária

O jornalismo tem passado por consideráveis mutações, desde a última década, relacionadas ao advento da tecnologia digital, o que contribuiu e ampliou o trabalho da imprensa. Diariamente, surgem novas tecnologias que geram novos processos ou vice-versa potencializando a criação de produtos com o envolvimento de novos personagens durante os processos de captação, produção, exibição e consumo das informações.

Essas mudanças, conseqüentemente, precisam ser acompanhadas uma vez que seu objetivo é atuar nesse cenário de mutações constantes e disformes pela qual perpassa o jornalismo, em especial o telejornalismo. No entanto, a velocidade em que estas alterações acontecem está cada vez maior, já que as transformações se dão de maneira cada vez mais aceleradas e ininterruptamente. Em vista disso, Nilson Lage afirma que é necessário atualizar o conhecimento de mundo e por causa dessas mutações, cada vez mais aceleradas, pois o mundo requer um conhecimento que “[...] não é mais possível de adquirir em currículos escolares” (LAGE, 2003, p. 22).

Com o advento da cobertura jornalística sanitária não programada pela imprensa, apesar dos fundamentos do jornalismo permanecerem inalterados, como a objetividade, o compromisso com a verdade e a prestação de serviços, entre outros, a realidade profissional não é mais a mesma desde início de 2020. Eis o desafio dos jornalistas diante da crise sanitária protagonizada pela pandemia do Covid-19: se reinventar respeitando os protocolos nacionais e internacionais de saúde.

Giacomelli, Giacomelli, Grafolin (2020, p. 4) afirmam que “[...] na área da saúde, a informação é cada vez mais importante considerando o avanço tecnológico que visa nos habilitar para uma autogestão da saúde”. Zhao e Zhang (2017) apresentam uma definição específica para informação de saúde, retirada do *U.S National Library of Medicine*, que a define como temas de saúde em geral, medicamentos e suplementos, populações específicas, genética, saúde ambiental e toxicologia, ensaios clínicos e literatura biomédica.

Neste sentido, Nutbeam (2000) explica que a literacia em saúde é uma das conseqüências da promoção da saúde,

⁴IPEA. Configuração atual e tendências na rede urbana do Brasil, 2020. (Série caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil, 1). Convênio Ipea, IBGE, Unicamp/IE/Nesur.

⁵As informações são do boletim epidemiológico da Secretaria Estadual da Saúde (SESA), divulgado no dia 17 de junho de 2020. A região do Cariri apresentou o maior crescimento de casos e óbitos por Covid-19, com 56,8% e 48,8% de incremento no Ceará. Conforme o boletim, apesar do aumento nos dois indicadores, os números foram menores em comparação com a semana anterior (10/06/2020), quando a região registrou 61,4% de casos confirmados pelo novo coronavírus e 50% de mortes pela doença.

que se refere a uma série de ações públicas direcionadas para melhorar o controle das pessoas sobre todas as variáveis que influenciam na saúde. O autor ainda salienta que existem diferentes níveis de literacia em saúde:

1. Funcional: transmissão de informações factuais sobre saúde, riscos e utilização de serviços através de canais de comunicação existentes, tanto interpessoal como midiático;
2. Interativo: também inclui a transmissão de informações acrescido de oportunidades de desenvolver habilidades em um ambiente com suporte. Utiliza diferentes canais para a comunicação de necessidades específicas de saúde, criação de grupos comunitários de autoajuda e apoio social;
3. Crítico: inclui as características dos níveis acima, acrescentando o fornecimento de informações sobre determinantes sociais e econômicos da saúde e oportunidades para alcançar mudanças políticas e/ou organizacionais.

No caso do telejornalismo, esta realidade da literacia midiática utiliza-se dos três níveis – funcional, interativo e crítico –, pois o telejornalismo, mesmo fazendo uma cobertura temática, procura oferecer ao público inúmeras informações construídas por meio de diferentes enquadramentos e pontos de vista, orientados por um único fio condutor de narrativas na cobertura jornalística da crise sanitária. Por vezes, no entanto, transparece ao leitor, ouvinte, telespectador ou internauta, uma cobertura monotemática.

Como destaca Grafolin (2017), o processo jornalístico de comunicar saúde não significa apenas promover cuidados na área, pois as mensagens possuem diversas finalidades: evitar riscos, prevenir doenças, sugerir mudanças de comportamento em benefício do indivíduo e da comunidade na qual está inserido, recomendar medidas preventivas e, principalmente, atuar na formação da literacia em saúde.

Além dos aspectos técnicos, os profissionais de imprensa tiveram que adaptar os termos técnicos ao texto jornalístico, quais sejam: confinamento, isolamento social, quarentena, achatamento da curva, EPIs, Covid-19, coronavírus, distanciamento social, comorbidade, entre outros.

Metodologia

A metodologia utilizada parte de uma abordagem quantitativa, verificando uma quantificação dos dados e ao mesmo tempo uma interpretação mediante a observação e compreensão do cenário atual do cotidiano dos

jornalistas (MINAYO; SANCHES, 1993). Além disso, a pesquisa se caracteriza como exploratória-descritiva que de acordo com Richardson (2011) objetiva uma aproximação com o objeto de estudo e uma descrição sistemática do fenômeno a ser observado.

Para atingir as metas do estudo, foram considerados um instrumento como determinantes: a) formulário on-line direcionado aos jornalistas de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. O instrumento de coleta foi criado pela equipe de investigadores desta pesquisa.

No desenvolvimento do questionário, foram elaboradas perguntas fechadas, condicionantes ao nível de resposta do inquirido e, ao final, uma pergunta aberta, considerando-se as consistências lógicas entre as perguntas que garantiriam a qualidade na análise da coleta de dados. Para isso, foram estudados, anteriormente, alguns modelos de questionários desenvolvidos pela FENAJ e FIJ.

De posse dos endereços de e-mail dos jornalistas, realizou-se o envio do formulário on-line na plataforma *Google Forms*, dividindo o público-alvo em três categorias: sexo, formação e atuação profissional. Tal estratégia tornou possível não só a garantia do acompanhamento das atividades, mas os aspectos de cumprimento dos protocolos sanitários pelas empresas de comunicação locais.

O formulário on-line enviado para os jornalistas da região do Cariri cearense, teve como objetivo identificar e verificar as medidas de proteção que as empresas de comunicação estão realizando acerca da saúde desses profissionais, diante a pandemia da Covid-19. Assim, coletamos 23 respostas entre o período de 29 de maio a 19 de junho de 2020, e está estruturado em 8 questões e informações iniciais sobre a faixa etária, sexo e tipo de veículo em que trabalha.

Análise e discussão dos dados

Do total de repostas alcançadas – 39, 1% dos jornalistas têm idade entre 25 a 29 anos; 26,1% têm até 24 anos e a mesma porcentagem para jornalistas com idade entre 30 a 39 anos; e 8,7% têm de 40 a 49 anos. Assim, visualiza-se que a maioria dos jornalistas possui faixa etária entre 24 e 29 anos. Em relação ao sexo, 60,9% dos participantes são jornalistas homens e 39,1% são mulheres, demonstrando uma paisagem profissional formada, majoritariamente, por uma classe masculina.

Identificou-se que a maioria dos profissionais estão situados em empresas jornalísticas voltadas para o radiojornalismo (39,1%), uma vez que na região do Cariri cearense o rádio possui uma presença forte e prestigiada, abarcando grande parte dos profissionais. Em seguida, temos os veículos online (26,1%), assessorias de comunicação ou im-

prensa (21,7%), e os jornalistas que trabalham em televisão (13%). Na região, temos 2 (duas) emissoras de TV: a afiliada da Rede Globo de Televisão Verdes Mares Cariri, oriunda da expansão da matriz situada na cidade de Fortaleza (TV Verdes Mares), e outra pertencente à cidade de Juazeiro do Norte, a TV Verde Vale.

A primeira questão identificou se os jornalistas estão trabalhando de modo presencial ou em domicílio durante a pandemia. De acordo com os dados obtidos observamos uma predominância do trabalho domiciliar com 82,6% e 17,4% de modo presencial. Uma realidade que se configura com as recomendações da FENAJ, que recomenda a realização de teletrabalho (*home office*) na maioria dos casos possíveis.

Na segunda questão, os jornalistas foram interrogados sobre as condições de saúde e segurança em seus respectivos trabalhos. Das 23 respostas, 87% afirmaram que as empresas se preocupavam em ofertar condições de saúde e segurança, e 13% estavam trabalhando mesmo sem a empresa proporcionar tais cuidados. Essa visualização de dados explicita, em parte, a precariedade estrutural de algumas empresas jornalísticas para com a atenção e o cuidado com o seu quadro profissional.

Já na terceira questão, os jornalistas responderam sobre a quantidade de EPIs e se eram suficientes para a troca e higienização. Para 60,9% as condições de trabalho se afirmam como positiva, e 39,1% queixaram-se sobre a não disponibilização dos EPIs. Numa comparação com a questão anterior, entende-se que há maior disparidade nas respostas sobre a disponibilização de EPIs. Se 87% dos jornalistas afirmam que as empresas dispõem de cuidados com a saúde dos seus jornalistas, e na resposta afirmativa sobre os EPIs, apenas 60,9% dessas mesmas empresas fazem essa disponibilização, tem-se um quadro no qual os cuidados e condições de saúde dos seus profissionais, os EPIs não são necessariamente contemplados.

Acerca de quais EPIs estavam sendo disponibilizados, na quarta questão, temos os seguintes dados: o álcool gel (60,9%) e a máscara (47,8%) são os equipamentos mais disponibilizados pelas empresas jornalísticas. Já a luva, EPI que tem sido utilizado mais por empresas internacionais, não obteve tanta aderência, ao menos no recorte desta pesquisa, representando 13% das respostas.

Destaca-se que uma porcentagem elevada de profissionais destacou a ausência de equipamentos disponibilizados (34,8%), o que nos possibilita compreender que eles estão atuando sob o risco de contrair o novo coronavírus. A quinta questão versava sobre as melhorias nas condições de trabalhos dos jornalistas pelas organizações às quais pertenciam,

com o intuito de prevenir o contágio da Covid-19 em suas rotinas de trabalho. Dentre as respostas, 43,5% responderam que poderiam ser melhores, 26,1% estão satisfeitos, e 30,4% não souberam avaliar. A partir dos dados, a leitura que podemos realizar é que os jornalistas gostariam que as melhorias existissem ou fossem feitas.

Em conjunto com os dados quantitativos, os jornalistas foram perguntados sobre as sugestões que poderiam acarretar uma melhora de tais condições de segurança do trabalho. Todas as respostas obtidas tratavam sobre a disponibilização de mais materiais básicos de segurança como álcool gel e máscara, ou mesmo de maior quantidade de material. Ou seja, ainda que a organização disponibilize estes equipamentos de proteção, os jornalistas relataram que são insuficientes.

A sexta questão tratou sobre o nível de pressão (estresse, cobrança por resultados, sobrecarga/acúmulo de trabalho). De acordo com os dados, 82,6% dos jornalistas responderam afirmativamente sobre o aumento da pressão no trabalho, e 17,4% disseram não ter sentido uma sobrecarga. Dada a porcentagem, observamos que essa pressão pode estar atrelada ao fluxo de informações que tem sido intensificado durante a pandemia.

A próxima questão verificou os cuidados das empresas jornalísticas com os profissionais pertencentes ao grupo de risco (indivíduos acima de 60 anos e portadores de doenças crônicas como diabetes, hipertensão e asma). Apesar da grande maioria afirmar que as empresas têm demonstrado certa preocupação e adotado medidas de segurança (73,9%), 26,1% das empresas de comunicação na região do Cariri cearense não seguem o mesmo exemplo. Ainda que nesta pesquisa não se tenham identificado jornalistas pertencentes ao grupo de risco, outros profissionais que integram a equipe e/ou empresa podem configurar o quadro de profissionais do grupo de risco em atividade, atualmente.

A última questão do formulário identificou se o jornalista ou alguém da redação/empresa tinha sido infectado pelo novo coronavírus. Conforme os dados, 95,7% dos profissionais marcaram “não” como resposta e 4,3%, ou seja, somente 1 (um) profissional respondeu saber da existência de um caso em seu ambiente de trabalho. Nesse sentido, estes dados nos possibilitam refletir sobre como as empresas jornalísticas da região do Cariri cearense têm cuidado da saúde física e mental dos seus jornalistas.

De acordo com a FENAJ, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará (SINDJORCE) enviou às empresas um documento com 19 medidas a serem adotadas de modo emergencial (CORONAVIRUS...,2020). Neste documento estão explicitados os procedimentos que devem ser toma-

dos pelas empresas, corroborando para que as/os seus profissionais estejam seguros e tenham condições mínimas de trabalho. E também, segundo a pesquisa: “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?”, realizada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP) de 5 a 30 de abril de 2020.

Os dispositivos de trabalho mais utilizados pelos comunicadores são computadores (100%) com conexão de internet doméstica (95%) e smartphones (93%) de propriedade dos trabalhadores (81,6%). Quanto à organização de tarefas, observa-se um fenômeno de plataformização do trabalho, que passa a se desenvolver em redações virtuais através de aplicativos de mensagens instantâneas e de ordenamento de tarefas, além de serviços de e-mail. Segundo a maioria dos participantes (65,8%), as empresas para as quais trabalham adotaram medidas preventivas suficientes para garantir a segurança dos profissionais.

Dessa forma, é possível afirmar que as empresas de comunicação da região do Cariri cearense estão em consonância com as recomendações da Fenaj e do Sindjorce. Os jornalistas têm recebido assistência e a grande maioria está trabalhando em *home office*, porém, há um aumento considerável da carga horária de trabalho diário. Os jornalistas têm executado um importante papel em manter o público informado durante a cobertura jornalística em meio à pandemia ocasionada pela Covid-19. Esses integrantes da mídia estão enfrentando uma enorme quantidade de pressão e tensão, e sendo expostos a infecções por meio do deslocamento casa-trabalho, viagens, produção de reportagens e entrevistas nas ruas e locais em que se encontram trabalhando.

Considerações finais

A realização deste estudo oportunizou a observação e compreensão das atuais práticas jornalísticas, cujo recorte ocorre mediante a realidade da cobertura jornalística sobre a Covid-19 e a saúde dos jornalistas na região do Cariri cearense. Em diálogo com uma cobertura de guerra, o Jornalismo, as empresas midiáticas e os profissionais da informação têm vivenciado, neste primeiro semestre de 2020, grandes desafios para o desenvolvimento da sua missão: levar a informação para os cidadãos. Em meio a uma pandemia, são vários os desafios que esses profissionais enfrentam: pressão, alterações das rotinas, medo do contágio e propagação, instabilidade profissional, dificuldades com a apuração, fornecimento de dados, entre outros.

Identifica-se também a importância da sua atuação jornalística na cobertura da Covid-19, em meio aos processos de desinformação, fake news e informações que circulam

sem a devida checagem necessária. A legitimação da profissão e do profissional tem se demonstrado fundamental e crucial, não apenas apresentando dados e estatísticas corretas mas, principalmente, revelando, ainda mais, o lado humanístico do jornalismo e a sua função social. Portanto, é mais do que necessário chamar a atenção de todos para a necessidade em discutir sobre a saúde dos jornalistas, visto que tem se acompanhado, com pesar, a morte de inúmeros colegas de profissão, no atual momento marcado por incertezas e sonhos interrompidos, por familiares e amigos em luto.

Desta forma, esta pesquisa apresentou que a atividade jornalística não foi paralisada, mas houve transformações e mudanças necessárias: trabalho remoto (*home office*) intensificado para a preservação da saúde dos jornalistas; uso de EPIs para jornalistas que estão trabalhando nas redações e/ou a campo, como no caso dos jornalistas de televisão; necessidade de afastamento da relação jornalista-personagem, sobretudo no momento da entrevista; e entrevistas remotas realizadas via videoconferência, que já eram utilizadas, porém foram intensificadas.

Acerca da cobertura jornalística e a saúde dos jornalistas na região do Cariri cearense identificamos que a grande maioria está trabalhando de modo remoto, e que os jornalistas que estão em modo presencial destacaram a necessidade de maior atenção na disponibilização de EPIs, para que o mesmo material não seja utilizado por muito tempo podendo-se fazer as trocas necessárias. Através do formulário on-line, também pôde ser averiguado o aumento da pressão neste momento de pandemia, com estresse, cobrança por resultados e sobrecarga/acúmulo de trabalho: fato que pode ser atribuído à velocidade de informações que circulam cotidianamente, no mesmo sentido em que se deseja transmiti-las às suas audiências.

Assim, a preocupação com os jornalistas, diante o recorte deste estudo, relaciona-se com a mesma preocupação demonstrada pela Fenaj em âmbito nacional e o Sindjorce, no âmbito do estado do Ceará. Nessa perspectiva, a elaboração de um guia de prevenção ao novo coronavírus na prática jornalística em televisão fortalece a preocupação e evidencia os cuidados com a saúde desses profissionais, não apenas para a aplicação e usabilidade na região do Cariri cearense, mas como suporte de apoio para as demais realidades de outros estados e regiões do Brasil.

Referências

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Portal fenaj.org.br**. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/>. Acesso em 12 de mar de

- 2020.
- FIGARO, Roseli et al. **Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19?** 2020. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/76>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- GIACOMELLI, Enrico, GIACOMELLI, Fábio, GRAFOLIN, Tâmelá. **Saúde nos dispositivos móveis: análise das apps sobre Covid-19 dos Governos do Brasil e de Portugal.** 2020. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/2126/PDF>. Acesso em: 16 jul 2020.
- GRAFOLIN, Tâmelá. **Narrativas sobre saúde nos jornais do interior de Portugal.** In: CONGRESSO DA AGACOM - ASOCIACIÓN GALEGA DE INVESTIGADORES E INVESTIGADORAS DE COMUNICACIÓN, I, 2017, Universidade de Santiago de Compostela. Santiago de Compostela, Espanha, 2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Juazeiro do Norte.** 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Portal ibge.gov.br.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso de 12 mar. 2020.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **Portal ipea.gov.br.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/>. Acesso em: 12 mar. 2020.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** São Paulo: Record, 2003.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012.** Florianópolis: Insular, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de S; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- NUTBEAM, Don. Health literacy as a public health goal: a challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st century. **Health Promotion International**, v. 15, n. 3, p. 259-267, 2000.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Portal who.int.** Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE. Portal ceara.gov.br. Disponível em: <http://www.ceara.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- SINDICATO DOS JORNALISTAS NO CEARÁ. **Portal sindjorce.org.br.** Disponível em: <http://www.sindjorce.org.br/>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- ZHAO, Yuehua; ZHANG, Jin. Consumer health information seeking in social media: a literature review. **Health Information & Libraries Journal**, v. 34, n. 4, p. 268-283, 2017.